

O VINHO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL ENTRE COLONOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS: UM OLHAR A PARTIR DA FAMÍLIA

MACHADO, Carmen Janaina Batista¹; MENASCHE, Renata²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, bolsista BIT/CNPQ do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais - Universidade Federal de Pelotas. Email: carmemachado3@yahoo.com.br;

²Professora da UFPel | Departamento de Antropologia e Arqueologia | LEAA - Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais. Email: renata.menasche@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

No discurso contemporâneo, referente ao patrimônio cultural, emerge a necessidade de “criar a categoria do ‘imaterial’ ou do ‘intangível’ para designar aquelas modalidades de patrimônio que escapariam de uma definição convencional limitada a monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos, etc.” (GONÇALVES, 2005, p. 20-21), abarcando lugares, técnicas, festas, religiões, música, dança, culinária, ou seja, expressões variadas e diversificadas da cultura, que permitem o reconhecimento de grupos sociais (ROTMAN, 2010).

Partindo do exposto acima, e tendo em vista a íntima relação entre comida e cultura, tem-se na criação da Janta do Vinho, na Colônia Maciel¹, uma reativação da cultura italiana. Sendo esta festa criada em 2006 por produtores de vinho e entidades apoiadoras (Embrapa, Emater, Universidade Federal de Pelotas...), colocando em evidência a identidade italiana, em que o vinho torna-se o símbolo cultural. Neste contexto buscamos compreender as motivações que constituem o vinho como um símbolo de italianidade em uma comunidade em que predominam famílias rurais descendentes de imigrantes italianos. Para tanto, o olhar é dirigido ao cotidiano de uma família de colonos residentes na Colônia Maciel.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

¹ A Colônia Maciel está localizada no 8º distrito do município de Pelotas, Distrito de Rincão da Cruz. Segundo a historiografia local, esta localidade se apresenta como a mais representativa da presença italiana na região de Pelotas.

A história da família de seu Carlos² no Brasil tem início em 1885, com a chegada do avô – juntamente com uma leva de imigrantes –, vindo da região de Treviso (Itália), à Colônia Maciel. A trajetória desse imigrante remete, como no estudo de Zanini (2004), a família e às suas memórias.

Para construir a identidade de italiano no presente, os descendentes a visualizam como uma trajetória no sentido de que, se hoje são ítalo-brasileiros, isso se deve a uma origem que está assentada no passado. Origem essa que é traçada pela construção dessas memórias. A travessia se tornou o marco inicial das construções e há, sobre ela, um infinito número de construções individuais e coletivas. É, desse momento em diante, que as trajetórias familiares adquirem sentido. (ZANINI, 2004, p.58-59).

Mas antes de trazer ao texto as memórias de seu Carlos e de dona Laura, cabe apresentar a família. Carlos e Laura possuem quatro filhos, sendo que Guilherme e Cláudia moram com os pais – o rapaz trabalha na propriedade rural e a moça é professora. Seguindo pelo pátio da casa paterna, chegamos à casa de outro filho, Marcos casado com Cíntia. E, dali a poucos quilômetros de distância, vive Roberto, casado com Vanessa. Os filhos homens seguem trabalhando na propriedade rural, com o pai, dedicando-se à produção de uva e pêssego, à fabricação e comercialização de vinho, ao turismo rural e demais atividades socioprodutivas da família. Os trechos de depoimentos reproduzidos ao longo do texto são de Carlos e Laura (pais) e de Marcos (filho) e Cíntia (nora). Com isso, é dado destaque às visões de duas gerações sobre o tema que permeia esta pesquisa: o vinho como símbolo de italianidade.

A inserção a campo para coleta de dados, a partir de observação participante e entrevistas, ocorreu entre abril e junho de 2011. Foram realizadas entrevistas em profundidade junto a alguns dos membros de uma família de colonos descendentes de imigrantes italianos, que, além de outros contatos, foi acompanhada ao longo de uma de suas jornadas diárias. Cabe mencionar que o presente trabalho está inserido em um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado **Cultura, patrimônio e segurança alimentar entre famílias rurais: etnografias de casos significativos**, apoiado pelo CNPq.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Cabe mencionar que os nomes aqui empregados para os membros da família são fictícios visando preservar a identidade dos interlocutores.

Seu Carlos produz vinho desde a época que morava com seus pais e avós. Mais tarde, já casado com dona Laura, deu continuidade à produção de vinho. Segundo conta o agricultor, segue empregando as técnicas que aprendeu com seu pai e com o avô e, inclusive, alguns utensílios herdados, como as pipas de madeira de seu pai e pequenas ferramentas, que pertenceram ao avô. Contudo, visando melhorar a qualidade do vinho – e, para isso, da uva –, seu Carlos conta com iniciativas de pesquisa e assistência técnica da Embrapa, Emater e Universidade Federal de Pelotas que, ao longo dos anos, introduziram novas técnicas na produção da uva e preparo do vinho. Outro fator de mudança é associado à legislação sanitária, dado que a adequação a ela tem demandado uma padronização da produção. No entanto, é importante ter presente que a essas mudanças não pode ser imputada algo como a perda da tradição, uma vez que esses saberes não devem ser entendidos como estanques. Ao contrário, como sugerido por Rotman (2010, p.25), entendem-se aqui esses processos como “atualizações do patrimônio”³, que, assim, abarca “não apenas os bens produzidos no passado, mas também aquelas expressões da cultura que têm lugar na atualidade”.

Comentando o consumo de vinho na história e no cotidiano desta família, seu Carlos narra que costuma tomar vinho diariamente, no almoço e na janta. Brinca, dizendo que quando recebe *visitas* também toma vinho, ou seja, acompanha os turistas na degustação de vinho.

Já dona Laura conta que, quando morava com seus pais, não gostava de vinho, não tomava nunca. Ela lembra que tampouco seu pai (de origem italiana, enquanto que a mãe descendia de alemães) tomava vinho. Dona Laura lembra que foi *aprender* a tomar vinho com o esposo, pois ele lhe oferecia e ela, para não descontentá-lo, aceitava: “pra mim, parecia estar tomando um copo de banha, de tão ruim que eu achava!”. Mas, como conta a senhora, depois foi *acostumando*.

Seu Carlos diz tomar vinho desde menino, mas lembra que antigamente não se tomava todos os dias, porque não era produzido em grande quantidade. Então, costumavam tomar vinho nos finais de semana, às vezes à noite e quando chegavam visitas e/ou clientes, para comprar vinho.

³ Neste trabalho, são usadas aspas para remeter a conceitos trazidos a partir da bibliografia consultada ou para destacar termos. As palavras em itálico representam expressões dos interlocutores da pesquisa.

Em seu depoimento, Cíntia, nora de seu Carlos, que não possui ascendência italiana, enfatiza a importância de manter a tradição. Ela lamenta que o esposo tenha *perdido muito da tradição*, pois não fala nem compreende italiano; come polenta – preparada pela mãe –, mas não a aprecia; não trouxe da casa dos pais o costume de tomar vinho diariamente. Na interpretação de Cíntia, *tomar vinho todos os dias* é prática associada à *manutenção da tradição*.

4 Conclusões

Podemos, a partir dessa reflexão, pensar que a preocupação em demonstrar que o vinho se mantém por gerações na família e é consumido diariamente pode estar relacionada ao fato do produto ser escolhido como símbolo, colocado em evidência na Janta do Vinho. O público que frequenta essa festa, predominantemente urbano, espera que os produtos ali ofertados “evoquem um território, uma paisagem, alguns costumes, uma referência de identidade” (CONTRERAS HERNÁNDEZ, 2005, p.142), o que implica em resgatar, reativar e/ou manter saberes da cultura italiana. Ou seja, aliado às práticas cotidianas da família, temos um fator agregador que a estimula a ressaltar uma identidade associada à italianidade. Daí a criação de uma festa com um cardápio italiano, regada a vinho e com a afluência de um público ávido por degustar, além do vinho, uma cultura.

5 REFERÊNCIAS

CONTRERAS HERNÁNDEZ, Jesus. Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. In: CANESQUI, A.M e GARCIA, R.W. (Org.). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p.129-144.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A fome e o paladar: uma perspectiva antropológica. **Alimentação e Cultura**, Série Encontro e Estudos 4, FUNARTE, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.11, n.23., 2005, p. 15-36.

ROTMAN, Mónica. El Campo Patrimonial: procesos de configuración y problematización de alteridades. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v.1, 2010, p.7-21.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de italianos. **Campos**. Curitiba, v.5, n.1, 2004, p. 53-67.